

é de duas forças que se combinam : uma sciencia qualquer, conforme a esphera em que se desenvolveu a personalidade em historia.

Dest'arte, se me encarrego do typo de Virgilio, suas obras, seu valor na evolução das letras, estarei em plena estho-literatura, nas partes theoricas que, porventura, intercalar no meu estudo, e no terreno da historia, na parte da narrativa de factos e acontecimentos.

Se, porém, me ocupar de Virgilio, de Sainte-Beuve, ficarei na esphera da critica.

Por tal modo, se escrever sobre Taine, estarei na estho-literatura, na philosophia, na politica, assumptos todos esses por elle versados, e na historia tanto quanto esta tem obrigaçao de ocupar-se do movimento intellectual dos povos. Se analysar o livro de Aulard, o de Giraud, o de Berzalotti, o de L. Roure, a respeito do illustre francês, estarei em mera critica. Se escrever de Cromwell, ou de Gregorio VII, ou de S. Paulo, farei nesses casos politica, religionomia e historia ; farei, porém, critica se apreciar o livro de Carlyle sobre o primeiro, o de Villemain acerca do segundo, o de Renan relativamente ao terceiro.

Se me esforçar por traçar um perfil de Rubens, minha tarefa será de estheta e historiador ; se me detiver em analysar a imponente caracteristica do grande pintor, devido á pena de Eugène Fromentin, no livro de ouro, *Les Maîtres d'autrefois*, não passarei da critica.

Seria impertinencia multiplicar os exemplos.

Sylvio Romero.

(Da Academia Brasileira)